



FACULDADES FACETEN

FACULDADE DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E TEOLOGIA DO NORTE DO BRASIL

MONALYZA LORRANA GOES LEAL

CURSO DE PEDAGOGIA

ANALISAR OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DO AUTISTA NO APRENDIZADO

Boa Vista/RR

2022



FACULDADES FACETEN

FACULDADE DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E TEOLOGIA DO NORTE DO BRASIL

MONALYZA LORRANA GOES LEAL

CURSO DE PEDAGOGIA

ANALISAR OS DESAFIOS DA INCLUSÃO DO AUTISTA NO APRENDIZADO

Trabalho de Conclusão de Curso. TCC II,
requisito para obtenção de nota na
disciplina de Metodologia da Pesquisa,
ministrada pelo Professor MSC.
Alessandro Júnior.

Boa Vista/RR

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida e por me manter firme para que eu pudesse ultrapassar os obstáculos ao longo do curso. Sem ele, nada seria. Obrigada, senhor.

Ao meu esposo (Paulo), por sempre estar comigo nos momentos difíceis e por não ter me deixado desistir em nenhum momento. As minhas filhas (Maria Luíza e Mariana) por compreenderem a minha ausência e mesmo tão pequenas me deram o apoio que eu precisava para vencer essa etapa da vida acadêmica.

A minha avó (Shirley) que me criou juntamente com o meu tio (Fábio Sammy), a minha avó pelo incentivo desde o início de fazer o curso de pedagogia e ao meu tio por sempre acreditar no meu potencial. Sou grata a minha mãe (Ezabelê), aos meus irmãos (Izabella e Anibal Júnior) e minha tia (Aretuzia) pelo apoio durante toda a minha vida. A minha madrinha (Cleuza) por sempre me incentivar a estudar cada vez mais. Obrigada madrinha pelo apoio. A minha grande amiga (Ana) por sempre me apoiar e estar em oração por mim.

Ao meu orientador (professor Alessandro) pela dedicação e paciência durante o projeto.

Agradeço também ao Instituto Sion, onde fiz alguns meses de estágio e que contribuiu de forma decisiva para o meu TCC, pude acompanhar a aluna Vitória Moríá que possui TEA e que me trouxe bastante aprendizado.

Todos vocês foram fundamentais para que eu pudesse terminar este curso.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a aluna do Instituto Sion: Vitória Moriá, ao meu esposo, as minhas filhas e toda a minha família.

EPIGRAFE

**A INCLUSÃO ACONTECE QUANDO SE APRENDE COM AS
DIFERENÇAS E NÃO COM AS IGUALDADES.**

PAULO FREIRE

RESUMO

O presente artigo apresenta o tema analisar os desafios da inclusão do autista no aprendizado bem como destacar as peculiaridades sobre essa situação dentro do espaço escolar, como tratar e lidar com as crianças com necessidades especiais. O objetivo é mostrar a importância de analisar os desafios da inclusão do autista no aprendizado. A insegurança de muitos docentes em relação à inclusão de alunos autistas em sala de aula pode ser decorrente, em grande parte, pela falta de experiência e capacitação para lidar com padrões de comportamento e seu desenvolvimento fora do que consideram normais. Por essa razão, faz-se necessária criar meios que possibilitem aos professores aprimorar seus conhecimentos e metodologias, além de refletirem sobre suas práticas. Trabalhar com a educação especial não tem sido uma tarefa fácil, porque a educação ainda tem muito a acrescentar em todos os aspectos desde a estrutura física até a formação de docentes. O trabalho contará com os seguintes tópicos: 2.1 Contexto Histórico, 2.1.2 No Brasil e a Educação Inclusiva, 3.1 Características sobre o que os pais têm de conhecimento e as escolas sobre os alunos autistas, 3.2 Informar como a comunidade escolar está sendo preparada para a inclusão do aluno autista, 3.3. Identificar as características sobre educação especial e sobre a inclusão dos alunos autistas, 3.4. A inclusão com aluno autista no espaço escolar. A pesquisa será feita através de revisão bibliográfica baseada nos artigos e outras pesquisas que defendem sobre o tema. Primeiramente, buscar compreender todo o processo de ensino e aprendizagem de forma a trabalhar de forma qualitativa e não quantitativa. Visa responder e levantar resposta sobre a educação especial. É importante destacar que a inclusão escolar não é apenas responsabilidade do professor, mas de todo sistema educacional que deve reconhecer e atender às diferenças individuais e as necessidades de todos os estudantes. Essas alterações são vistas na afetividade, na ausência de interesse, no ato de brincar e na dificuldade de se comunicar podem dar a impressão de serem pessoas tímidas ou arrogantes, quando, na verdade, são características específicas originadas pela sua condição.

Palavra-chave: Educação Inclusiva; Criatividade; Educação; Aprendizagem; Conto de fadas.

ABSTRACT

This article presents the theme of analyzing the challenges of including the autistic in learning as well as highlighting the peculiarities about this situation within the school space, how to treat and deal with children with special needs. The objective is to show the importance of analyzing the challenges of including the autistic in learning. The insecurity of many teachers regarding the inclusion of autistic students in the classroom may be due, in large part, to the lack of experience and training to deal with standards behavior and development outside of what they consider normal. For this reason, it is necessary to create means that allow teachers to improve their knowledge and methodologies, in addition to reflecting on their practices. Working with special education has not been an easy task, because education still has a lot to add in all aspects, from physical structure to teacher training. The work will have the following topics: 2.1 Historical Context, 2.1.2 In Brazil and Inclusive Education, 3.1 Characteristics about what parents and schools know about autistic students, 3.2

Inform how the school community is being prepared to the inclusion of the autistic student, 3.3. Identify the characteristics about special education and about the inclusion of autistic students, 3.4. The inclusion with autistic student in the school space. The research will be done through a bibliographic review based on the articles and other researches that defend on the subject. First, seek to understand the entire teaching and learning process in order to work qualitatively and not quantitatively. It aims to respond and raise a response on special education. It is important to highlight that school inclusion is not just the responsibility of the teacher, but of the entire educational system, which must recognize and meet the individual differences and needs of all students. These changes are seen in affectivity, in the absence of interest, in the act of playing and in the difficulty of communicating, which can give the impression of being shy or arrogant people, when, in fact, they are specific characteristics originated by their condition.

Keywords: Inclusive Education; Creativity; Education; Learning; Fairy tale.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMÁTICA	10
1.2 JUSTIFICATIVA.....	10
1.3 OBJETIVOS.....	10
1.3.1 OBJETIVO GERAL.....	10
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
2 MARCO METODOLÓGICO	11
2.1 PESQUISA QUALITATIVA E BIBLIOGRÁFICA	11
3 MARCO TEÓRICO	12
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	13
3.1.2 NO BRASIL E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	14
4 CARACTERÍSTICAS SOBRE O QUE OS PAIS TÊM DE CONHECIMENTO E AS ESCOLAS SOBRE OS ALUNOS AUTISTAS	17
4.1 INFORMAR COMO A COMUNIDADE ESCOLAR ESTÁ SENDO PREPARADA PARA A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA	18
4.2 IDENTIFICAR AS CARACTERÍSTICAS SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL E SOBRE A INCLUSÃO DOS ALUNOS AUTISTAS.....	19
4.3 A INCLUSÃO COM ALUNO AUTISTA NO ESPAÇO ESCOLAR.....	20
5 CONCLUSÃO	22
5.1 RECOMENDAÇÕES.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

INTRODUÇÃO

Autismo é um conceito novo por ainda não ter uma causa específica definida, é chamado de Síndrome (conjunto de sintomas) e como em qualquer síndrome o grau de comprometimento pode variar do mais severo ao mais brando e atinge todas as classes sociais, em todo o mundo.

Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner, publicou um artigo no qual descrevia uma síndrome “rara” caracterizada por uma série de sintomas, a qual chamou autismo. Nessa época o diagnóstico se baseava no que até hoje consideramos os três pilares do autismo: deficiência no desenvolvimento da linguagem, interação social pobre e interesses e movimentos repetitivos.

O trabalho contará com os seguintes tópicos: 2.1 Contexto Histórico, 2.1.2 No Brasil e a Educação Inclusiva, 3.1 Características sobre o que os pais têm de conhecimento e as escolas sobre os alunos autistas, 3.2 Informar como a comunidade escolar está sendo preparada para a inclusão do aluno autista, 3.3. Identificar as características sobre educação especial e sobre a inclusão dos alunos autistas, 3.4. A inclusão com aluno autista no espaço escolar.

Esta pesquisa é de grande importância para o crescimento pessoal e profissional, com amplo ganho de conhecimentos e aprimorando as ferramentas e recursos que podem ser adaptados a nossa realidade, todavia, sempre pensar que as nossas crianças com necessidades especiais são tão capazes como as demais e a instituição de ensino sempre propor metodologias enriquecedoras que permeiam viabilizar este acesso tanto as crianças quanto a família.

1.1 PROBLEMÁTICA

- Identificar as principais dificuldades encontradas pela pessoa com autismo no processo de aprendizagem.
- Analisar os desafios que o professor enfrenta para fazer a inclusão do aluno com autismo.
- Compreender quais os fatores que impedem a falta de conhecimento dos pais.

1.2 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho vem tratar sobre o autismo. A escolarização de pessoas com deficiência e as estratégias utilizadas no seu desenvolvimento são temas constantes em discussões e pesquisas em congressos de educação. Quando o assunto é especificamente sobre alunos com TEA, nota-se uma grande ansiedade por parte dos docentes sobre como planejar suas práticas, que atividades devem ser feitas, e o objetivo maior é analisar os desafios da inclusão do autista no aprendizado. Vale importante ressaltar que todos os alunos são capazes de construir seus significados dentro do processo de ensino e aprendizagem.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

- Identificar como os docentes devem atuar no processo de ensino e aprendizagem sobre a educação inclusiva relacionada aos alunos autistas.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer as características sobre o que os pais tem de conhecimento e as escolas sobre os alunos autistas;
- Informar como a comunidade escolar está sendo preparada para a inclusão do aluno autista.
- Identificar as características sobre educação especial e sobre a inclusão dos alunos autistas.

2 MARCO METODOLÓGICO

2.1 PESQUISA QUALITATIVA E BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.

A metodologia desta pesquisa foi feita através da revisão bibliográfica e de fontes retiradas da: Scielo, Google acadêmico, Periódicos, Capes todos sites especializados baseados nas pesquisas conforme o tema citado acima. Ressalta sobre a educação especial que é buscar grandes desafios dentro de outro desafio, como melhorar a estrutura física da escola, trazer capacitações e treinamentos para a equipe da escola, melhorar a formação dos professores tudo voltado pra a adaptação dessas crianças.

Como o próprio nome diz, preocupa-se com a descrição dos fatos ou dos fenômenos. Esse tipo de pesquisa é mais aprofundado que o exploratório, abordado no tópico anterior. É muito comum entre os estudantes confundir a pesquisa descritiva com a pesquisa explicativa (objeto do próximo tópico), devido ao fato de que em ambas existe a preocupação geral de relacionar variáveis.

São exemplos de pesquisas descritivas todos os estudos que constataam a priori as inter-relações entre variáveis, no nível da mera observação. Sendo assim, essas relações podem – em outro nível de pesquisa – ser aprofundadas, a ponto de se testar hipóteses.

Dias (2000) parece se surpreender ao apontar para as ciências naturais como a origem da pesquisa qualitativa, marcando esse começo com os trabalhos de Newton acerca do efeito do prisma do espectro luminoso e as análises efetuadas por Charles Darwin sobre as diferentes características entre as espécies.

Contudo, a persuasão pode ser facilitada se o pesquisador reunir elementos suficientes para chegar, intuitiva e racionalmente, a uma conclusão aceitável sobre determinado fenômeno.

3 MARCO TEÓRICO

Para efetivar esta prática e, conseqüentemente, a educação inclusiva, o primeiro passo é não excluir ou segregar pessoas com necessidades especiais, como muito já foi feito. Cada vez mais estamos reconhecendo, aceitando, cooperando e convivendo em sociedade sem esquecer, desmerecer e rotular.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) é um documento marco na história dos direitos humanos. “Elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais de todas as regiões do mundo, a Declaração foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), em Paris, em 10 de dezembro de 1948, como uma norma comum a ser alcançada por todos os povos e nações” (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS). Ela constitui, pela primeira vez, a proteção universal dos direitos humanos, conforme o *site* da ONU no Brasil.

Em meados de março de 1990 aconteceu a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia. Nesta percepção, foi proclamada a Declaração de Jomtien e com essa Declaração, os países signatários assumem, conforme Hennemann (2012, 58), que:

A educação é um direito fundamental de todos, mulheres e homens declaram, também, entender que a educação é de fundamental importância para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades, sendo um elemento que pode contribuir para conquistar um mundo mais seguro, mais sadio.

A Declaração de Salamanca foi constituída na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: acesso e qualidade, em junho de 1994, em Salamanca, na Espanha. Todo intuito é bem visto quando está em prol da educação inclusiva. Todo esforço é válido e visível para que a criança seja bem quista e recebida em qualquer espaço escolar ou social.

Diante deste contexto educacional é preciso sempre refletir sobre esta educação inclusiva como necessária e é a realidade de nossas escolas, pois, a criança é amparada legalmente em estudar em qualquer instituição de ensino e ser atendida dentro de suas limitações respeitando o seu espaço e espaço do outro.

Esses pontos percorridos até então dão o mote do presente caderno de estudos que traz à luz a discussão da importância que reside no trabalho conjunto que

deve existir entre a escola e a família em favor da educação do alunado em geral, sobretudo de alunos com necessidade especiais.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

A Constituição Federal (1988), art. 205, afirma que “A educação é direito de todos”. Esta frase inquieta aos professores quando constam salas de aula a realidade da diversidade humana. A democratização do processo de ensino contribuiu para o aumento da necessidade de ensinar salas de aula heterogêneas em que todos os alunos aprendessem a partir de suas diferenças.

Sim, pois a Constituição Federal de 1988 (*arts.205, 206, 208 e 208*), as Normas Gerais da Educação e a Lei n. 13.146/15 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (*arts. 27, 28 e 30*) estabelecem que, no Brasil, vigora o sistema educacional inclusivo.

O perfil que a escola, na opinião da sua equipe possui, é uma escola onde os alunos, membros da equipe se ajudam e se respeitam. Os alunos são heterogeneamente valorizados e vão sendo trabalhados dentro de suas limitações e a escola como uma instituição de ensino deverá se adaptar a realidade deste discente. Todos os que trabalham na escola são considerados agentes educativos e têm a sua participação efetiva no processo de ensino e aprendizagem.

A história da Educação Especial no Brasil foi determinada, até o final do século XIX, pelos hábitos e informações vindos da Europa. O abandono de crianças com deficiências nas ruas era comum, assim como nas rodas dos expostos e portas de conventos e igrejas, o que criou uma institucionalização do cuidado dessas crianças por religiosas Redondo (2000, p. 12) salientam que, “nesse processo, o educador precisa saber potencializar a autonomia, a criatividade e a comunicação dos estudantes, e, por sua vez, tornar-se produtor de seu próprio saber”.

No Brasil, após a Constituição de 1988, a discussão em torno do tema da educação especial ganhou espaço e se aprofundou. Fruto dessa reflexão, foram sendo editados textos legais nos quais, não obstante alguns recursos, a ideia da inclusão escolar entendida como direito de acesso da criança com deficiência na escola comum e de nela receber o atendimento de que necessita para vencer as barreiras que lhe dificultam a aprendizagem se consolida em definitivo. Dois anos

após a promulgação da Constituição, em 1990, esse direito foi reforçado no *Estatuto da Criança e do Adolescente* (art. 54, inciso III).

Portanto, o aluno com autismo ou TEA (transtorno do espectro autista), apresenta características variadas que comprometem, desde as suas relações com outras pessoas até a sua linguagem, necessitando, assim, de apoio no seu processo de ensino-aprendizagem. De tal modo, a oferta de escolarização para todos, na perspectiva de inserir os alunos com Necessidades Educacionais Especiais na escola regular, “aos poucos vem ocorrendo em nosso cenário educacional”.

Em 1889, após a Proclamação da República, a deficiência mental ganha destaque nas políticas públicas, “porque acreditavam que esta deficiência pudesse implicar em problemas de saúde - uma vez que era vista como problema orgânico e a relacionavam com a criminalidade, além de temerem pelo fracasso escolar”, segundo Poker (2001, 59). Mas tarde, por volta de 1930, surgiram diversas experiências.

3.1.2 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

No espaço escolar que existe a heterogeneidade pra que se possa trabalhar várias experiências de vida e de mundo vivências essas que permite com que todos os alunos possam aprender uns com os outros pois, estamos sempre em processo de ensino e aprendizagem.

Vale ressaltar que a educação merece um cuidado maior, porque, diante desta situação todos merecem ser vistos como um olhar das crianças, uma vez que nesta vertente é possível observar que a escola deve ser um espaço dinâmico que facilite acesso a todos em especial, as crianças que solicitam ou precisam de ajuda.

Nesta mesma direção, segundo Donaduzzi (2008, p. 40), a formação continuada deve ser objetivo de aprimoramento de todo professor, porque o educador deve acompanhar o processo de evolução global, colocando a educação passo a passo no contexto de modernidade, tornando-a cada vez mais interessante para o aluno, a fim de que ele possa compreender que, na escola, ele aperfeiçoa sua bagagem.

Com isso surgem alguns defensores da educação (1948) - Montessori nasceu em 1870, na Itália, onde concluiu o curso de medicina. Sempre se interessou pelo ensino de crianças com deficiência. Faleceu em 1952, com 81 anos. As casas das crianças eram espaços adaptados ao tamanho da criança, de forma a desenvolver o

senso de responsabilidade de cada uma. Criou o programa com exercícios da vida diária, para que as crianças pudessem vivenciar a vida real realizando atividades do cotidiano.

Em seguida surgem outro estudioso - Célestin Freinet (1932), nasceu em 15 de outubro de 1896, no sul da França. Faleceu em 1966, aos 80 anos. Suas propostas pedagógicas eram desenvolvidas em conjunto com as crianças, visando desenvolver o gosto pelo trabalho, pela escola, tornando-as cidadãos críticos e conscientes. Centrava-se em quatro eixos: cooperação; comunicação; documentação e afetividade. Valorizava a produção individual da criança, o trabalho cooperativo e coletivo, respeitando o ritmo da criança e privilegiando a aprendizagem por meio de experiências.

Não podemos deixar de citar Piaget (1964), nasceu em 9 de agosto de 1896, na Suíça e sempre foi um grande observador. Piaget identificou que o desenvolvimento ocorre em quatro períodos: sensório motor (de zero a dois anos); pré-operatório (de dois a sete anos); operatório concreto (de oito a onze anos) e operatório-formal (de doze a quatorze anos). Existem quatro fatores que ajudam a criança a passar de um período de desenvolvimento para outro: o amadurecimento; a experiência; a interação social; e o equilíbrio.

Diante de todas as pesquisas que são de grande importância para o desenvolvimento das crianças seja físico, emocional, psicológico, as coordenações motoras todo o seu aspecto global, não pode deixar de citar sobre Vygotsky (1987) são: mediação/interação; processos de internalização; níveis de desenvolvimento; Zona de Desenvolvimento Proximal; tomada de consciência; relação desenvolvimento e aprendizagem; função do brinquedo no desenvolvimento da criança.

Para Leal (1985, p. 78), as pessoas autistas são ainda pouco compreendidas pela sociedade, devido à falta de conhecimento sobre esta condição. Segundo a autora, o desconhecimento e a falta de informação sobre o autismo produzem certa incompreensão, fazendo com que as pessoas reproduzam conceitos deturpados sobre o assunto. [...] quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças que se debatem contra a parede, tem movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo, e chegam até dizer que são perigosos e precisam ser trancados em uma instituição para deficientes mentais.

Mantoan (2006, p. 79) analisa as contribuições da teoria histórica cultural a partir dos estudos de Vygotsky, o qual atribuiu enorme importância à dimensão social e ao papel da mediação para a vida humana. Segundo a autora, estes estudos trouxeram importantes contribuições para a educação à medida que oferecem elementos importantes para a compreensão do desenvolvimento e aprendizagem do ser humano.

Segundo Franc (1985, p. 49) no adulto autista, há uma melhora na adaptação a mudanças, mas os interesses restritos persistem, e aqueles com habilidades cognitivas adequadas tendem a concentrar seus interesses em tópicos limitados, tais como horários de trens/aviões, mapas ou fatos históricos, etc., os quais dominam suas vidas. Estudos de Leal (1985, p. 29) confirmam que...

Dependendo dos critérios de inclusão, a prevalência de autismo tem variado de 40 a 130 por cento, ocupando o terceiro lugar entre os distúrbios do desenvolvimento, em alunos matriculados nas escolas públicas, necessitando de atendimento educacional especializado.

4 CARACTERÍSTICAS SOBRE O QUE OS PAIS TÊM DE CONHECIMENTO E AS ESCOLAS SOBRE OS ALUNOS AUTISTAS

A Constituição da República Federativa do Brasil - lei maior do nosso país – discute na Seção I do Capítulo III a questão da Educação, referindo-se a ela no artigo 205 como um “[...] direito de todos e dever do estado e da família...” (1988).

Em relação à questão do dever do estado, a Constituição brasileira complementa por meio do Artigo 208 que o dever do Estado para com a educação deverá ser concretizado, dentre outras ações, por meio de “[...] atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (1988).

É importante ressaltar que a educação é para todos e este ensino tem que ser feito com qualidade, diante deste exposto, vale frisar que a legislação deve sempre atender a essas necessidades e adaptar a escola à criança com essas dificuldades seja física, locomoção ou quaisquer outras.

Entramos em pleno acordo com Oliveira (1999, p. 91) quando este afirma que “a família é o primeiro grupo social a que pertencemos”. É pelas mãos da família que nós aprendemos a noção de certo e de errado, de bom e de ruim, que nos deparamos com sentimentos de amor, carinho, ternura, raiva, ódio, alegria, tristeza.

Nesse contexto, a educação deixa de ser apenas um “bem” da família com estrutura econômica adequada, passando a pertencer a todos independente a condição econômica, conforme escreve Oliveira (1999, p. 91) “Mais precisamente, no século XVIII, um novo modo de agir e de pensar determinou outras concepções sobre o mundo e a liberdade, sobre as instituições e a igualdade”.

Para darmos continuidade a aprendizagem do processo de inclusão seja social ou escolar para as pessoas que são consideradas com deficiência seja de qualquer forma, abordando como a sociedade ainda dita os conceitos do que é normal ou anormal. Se o sujeito não se encontra dentro dos padrões considerados normais, já é considerado fora do contexto social.

Por fim, como o ser humano é único e padrão para a humanidade não existe, o que se procura é uma busca de igualdade, e justiça social para todos e também para a pessoa com deficiência. Assim sabemos que você educando já tem conhecimento das diversas declarações que de alguma forma estão voltadas para a inserção da

pessoa com deficiência no âmbito social, escolar e voltadas para a dignidade dessas pessoas.

4.1 INFORMAR COMO A COMUNIDADE ESCOLAR ESTÁ SENDO PREPARADA PARA A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA

Estamos sempre passando por mudanças sejam elas, históricas, culturais, tecnológicas, mas o que sempre fica paralisado com essas mudanças é a educação inclusiva. A legislação possibilita a inclusão das pessoas com deficiência no sistema regular de ensino, nas classes comuns, através do atendimento educacional especializado em turno inverso. Esta perspectiva permite que a educação especial enquanto modalidade educacional, inclua pessoas com deficiências no sistema regular de ensino e crie no interior das escolas o atendimento educacional especializado (AEE) através das Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs) (BRASIL, 2010).

A formação docente é um processo permanente do professor que acontece desde a sua opção pela profissão até o ingresso na carreira e por toda a sua vida o que pode nos remeter aos ciclos de vida apontados por Oliveira (1999, p. 91) incluindo os problemas do sujeito e da profissão, ou seja, os limites, as aspirações e os caminhos percorridos. Esse professor deve sempre buscar aperfeiçoar suas ferramentas e metodologias para atender essas crianças autistas, trazendo para o meio da sala fazendo com que participe com os demais.

A auto formação é fundamental para que aconteça mudança na prática do professor a partir de uma mudança nele mesmo. A ludopedagogia, por sua vez, consiste em um método segundo o qual o processo de ensino deve dar-se de maneira criativa, utilizando jogos, brincadeiras e dinâmicas, afirma Carneiro (2007). Consiste na aprendizagem por intermédio do brincar, assim torna as aulas descontraídas e prazerosas.

Por isso, a necessidade trazer novidades para dentro do espaço escolar pra trabalhar com essas crianças autistas, sendo uma educação inclusiva e não excluída. Mostrar que a criança é tão capaz quanto qualquer outra., e que são capazes de trazer e construir novos significado e novos conhecimentos.

Para permitir que essas ações sejam realmente educação inclusiva, se faz necessário que todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem professores,

equipe de gestão, comunidade, estejam engajados, mediando as atividades com planejamento e responsabilidade para que essa criança se aproprie aos conteúdos vivenciando a realidade através da ludopedagogia. É preciso olhar o outro quebrando as barreiras atitudinais” Andrade (2004), assim, a brincadeira se torna importante para seu desenvolvimento, propiciando o relacionamento social com outras crianças dentro e fora do ambiente escolar.

4.2 IDENTIFICAR AS CARACTERÍSTICAS SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL E SOBRE A INCLUSÃO DOS ALUNOS AUTISTAS

A educação nas últimas décadas passou por profundas transformações. Participando deste momento a Educação Especial e Inclusiva tiveram e tem os seus papéis de destaque colaborando neste cenário com uma proposta de atendimento aos alunos com deficiências em unidades escolares onde este alunado possam desenvolver suas potencialidades.

Quando as pessoas sofrem de algum tipo de incapacidade intelectual ou física, as suas necessidades podem não ser satisfeitas pelo sistema educativo tradicional. É neste caso que entra o conceito de educação especial, que, como o seu nome indica, apresenta características diferenciadas (isto é, especiais).

A Educação Especial é um tema polêmico e tem sido um terreno fértil para o aparecimento de polemicas, modismos e inovações na escola, com propostas pedagógicas motivando melhoria da qualidade de vida escolar e social das pessoas com deficiência. Neste envolvimento, estão educadores comprometidos com a causa da educação especial e inclusiva e pessoas diretamente ligadas às pessoas com deficiências.

Ao dissertar sobre inclusão do aluno com TEA, primeiramente vai ser comentado sobre autismo, termo introduzido em 1911 por Bleuler. Já em 1943, temos Leo Kanner dizendo o seguinte: “a criança com autismo vive isolada, falta de linguagem (mutismo), obsessão a certos ruídos e alguns objetos, estereotípias e ecolalia”. Com esses estudos distinguiu uma síndrome autística em sua publicação, dando origem à nomeação “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” (KANNER, 1943).

Ao se tratar sobre autismo, primeiramente deve-se compreender a educação especial como uma modalidade de ensino. Um sistema de educação caracterizado

por um público-alvo que necessita de um olhar diferenciado, pois a escola, ao receber os alunos da educação especial, vai precisar reorganizá-la para que todos os alunos, em especial os autistas, tenham sucesso em seu desenvolvimento social, afetivo e cognitivo.

Assim, a instituição de ensino deve se comprometer a oferecer um ensino de qualidade, buscando melhorias em sua estrutura física quanto no modo de ensino aprendido. Isto faz com que a escola tome consciência que necessita adaptar o ambiente escolar, tanto como adequar o currículo e também trazer alternativas metodológicas diferenciadas de acordo com a necessidade de cada aluno.

4.3 A INCLUSÃO COM ALUNO AUTISTA NO ESPAÇO ESCOLAR

Quando falamos em educação inclusiva é preciso pensar em algo muito complexo, uma vez que todas as relações se dão no processo de ensino e aprendizagem escolar com toda a equipe presente e preparada pra recebe esses discentes que precisam de ajuda em suas deficiências, mas, não são incapazes de construir a sua história.

O professor é o principal mediador nesse processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o mesmo é responsável em criar novas estratégias, novos recursos e metodologias que possam trazer a atenção desses alunos para sua área de conhecimento.

Essa abordagem com os alunos autistas deve ser diferenciada se for necessário, mas ao mesmo tempo trazer para o centro da socialização inclusiva, pois, são responsáveis pela construção de sua própria história. E uma vez que descobrem essa capacidade que é estimulada pelo professor desenvolve e vai muito além dos muros da escola.

Os transtornos podem ser de diversos aspectos é preciso observar com o olhar deste aluno e propiciar o espaço escolar como um lugar acolhedor e pertinentes de construções de novos significados e novas vivências pedagógicas. Essas dificuldades tratadas conforme a realidade cotidiana do aluno, sendo que o mesmo, perceba que pode ser integrado na sua capacidade mental e física, sendo que respeitado dentro de seus limites.

O discente autista apresenta alguns aspectos que devem ser considerados importante no início de seu desenvolvimento, como rotinas, não demonstra medo,

parece estar surdo, não se mistura, etc. Ao perceber esses aspectos, é preciso que a família busque profissionais que possa ajudar tanto eles, a escola e a criança a tentar superar uma boa parte dessas dificuldades.

Diante deste propósito, é preciso que a família a princípio aceite, depois, tome conhecimento onde buscar ajudar, comunicar a escola, e tornar acessível todos os acessos a educação, saúde, lazer e segurança a esta criança autista, compreendendo que o mesmo é tão capaz quanto aos demais. E acima de tudo ter a certeza de que pode contar com a família, escola e amigos.

5 CONCLUSÃO

A presença da família na escola e no lar representa um estímulo forte à aprendizagem e ao estímulo das crianças para se desenvolverem na escola diante de algumas dificuldades de aprendizagem. Neste sentido, a educação escolar é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa.

A educação escolar tem sido um dos grandes fatores que enfatiza o valor de uma formação de bons cidadãos uma vez que toda trajetória da educação inclusiva perpassa pela convivência e experiências escolares e familiares. A base de grandes discentes que apresentam as suas dificuldades no processo de ensino e aprendizagem ocorre na educação infantil onde deve ser trabalhada todas as habilidades e competências da criança.

É preciso entender que a educação acontece em todos os espaços sociais na vida de uma pessoa, e mais notório saber que a educação inclusiva também participar nestas vertentes. Pensar sobre a educação e em especial e ir além do que dominamos em sala de aula, é pensar de forma dinâmica os espaços que deverá ser desenvolvidas o processo de ensino e aprendizagem, explica Barros (2019) que os “espaços e a organização deve respeitar idade, série e locomoção, todavia, deixar sempre os espaços alegres, dinâmicos” e ricos de recursos para que a criança possa desenvolver e construir seus significados.

É importante destacar que a leitura de alguns documentos legais sobre educação especial deve ser tomada em seu caráter crítico, ultrapassando sua visão ingênua que muitas vezes está presente no imaginário dos professores, de que a existência das leis por si assegura um ensino de qualidade.

As expectativas apontadas pela equipe diante desta situação é a melhoria das respostas educativas da instituição de ensino, reforçando-se o papel de todos os que trabalham na instituição, para que sejam agentes educativos que acreditam no potencial humano independente de suas limitações e que promovam sucesso qualitativo no processo de ensino e aprendizagem.

5.1 RECOMENDAÇÕES

Recomenda-se que as famílias estejam mais presentes nas escolas, dando apoio para que as crianças tenham estímulo para terem uma boa aprendizagem, a escola e a família devem trabalhar lado a lado.

A inclusão do autismo em sala de aula requer estratégias para atrair a atenção dos alunos e conseguir que eles se concentrem nas tarefas por mais tempo, mesmo sabendo que cada criança tem necessidades e tempo diferentes.

Professores e pais precisam ter uma comunicação aberta, contato próximo com a família e sensibilização dos funcionários da escola favorecem a realização da inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE VM, Santos FH, Bueno FA. **Neuropsicologia** hoje. São Paulo:Artes Médicas;2004.

BARROS, Jussara de. **Dificuldades de aprendizagem**. In: Brasil Escola, 2019.

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. 12º ed. Tradução: Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artemed, 2011.

CHABANNE, Jean Luc. **Dificuldades de aprendizagem: um enfoque inovador no ensino escolar**. Tradução de Regina Rodrigues. São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. **Ministério da Educação. Lei nº 4024 de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. /LDB/204024-61. Acesso em: 08 nov. 2010.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de Outubro de 1988**. 4. ed. São Paulo: Saraiva 1990. (Série Legislação Brasileira).

_____. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos** (Conferência de Jomtien, 1990

CORRÊA, M. A. M. **Educação Especial V. 1**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2006.

DAMÁZIO, M. F. M. **Atendimento educacional especializado: pessoas com surdez**. Brasília: SEESP-SEED-MEC, 2007.

DIAS, C. **Pesquisa qualitativa – características gerais e referências**. (2000). Disponível em: <http://www.reocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

DONADUZZI, A.; FERTIG, R. P. **Fundamentos da educação especial**. Blumenau: Edifurb; Gaspar: Sapience Educacional, 2008.

FRANCH, G. C. L.; BASTIANI, N. A família no processo educativo. In COUTO, A. F.; COSTA. A. M. *et al.* **Como compreender o deficiente auditivo**. Rio de Janeiro: Rotary Club do Rio de Janeiro. Comissão de Assistência ao Excepcional: EXPED – Expansão Editorial, 1985. p. 61-70.

FIORENTINI, Dario; SOUZA JÚNIOR, Arlindo José de; MELO, Gilberto Francisco Alves de. **Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos**. In: GERALDI, Corinta; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elizabete. (Org.). **Cartografias do trabalho docente: professor(a) pesquisador(a)**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 307-335.

FREINET, Célestin. Le cinema éducatif. “Prix et Profits” Canne, CEL, L’Educatif Proletarien, 1932.

FREIRE, Paulo - **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**- Ed. Paz e Terra, São Paulo; 2001

_____. **Para uma Escola do povo**. Lisboa: Presença, 1973.

GARCIA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura escrita e Matemática**. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4º ed. São Paulo: ATLAS S.A, 2009.

LEAL, D. B.; PALMEIRO, M. T. S.; FERNANDEZ, S. M. M. **A integração do deficiente auditivo**. In COUTO, A. F.; COSTA. A. M. et al. **Como compreender o deficiente auditivo**. Rio de Janeiro: Rotary Club do Rio de Janeiro. Comissão de Assistência ao Excepcional: EXPED – Expansão Editorial. 1985. p. 71-82.

MANTOAN, M. T. E. **Igualdade e Diferenças na escola: como andar no fio da navalha**. In: ARANTES, V. A. (org.). **Inclusão Escolar: Pontos e Contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006. p. 15-30.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
PERLIN, G. A pedagogia dos surdos. In SESI. **Educação Inclusiva: Caderno 2: Educação inclusiva de pessoas surdas**. SESI-SC, 2008.

MONTESSORI, Maria. **A criança**: trad. Adilla Ribeiro, 3a.ed. Rio de Janeiro. Portugália, s.d. 1948.

_____. **Formação do homem**: trad. Hauptmann et alii., 3a.ed. Rio de Janeiro. Portugália, s.d. 1956.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho imagem e representação**. 3º ed. Rio de Janeiro: LTC, 1964.

_____. **A psicologia da inteligência**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. ISBN 978-85-326-4680-4 – Edição Digital. Petrópolis, RJ: VOZES, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984, 132 p.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987, 157 p.

POKER, R. B. **Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas**: uma proposta de intervenção educacional. UNESP, 2001. 363 fls. Tese de Doutorado.

REDONDO, M. C. da F.; CARVALHO, J. M. **Deficiência Auditiva**. Brasília: MEC. Secretaria de Educação a Distância, 2000.

SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados; Bragança Paulista – SP: EDUSF, 1999.

UNESCO. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: CORDE, 1994.